



# III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,  
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP  
Colegiado de Pedagogia  
Vitória da Conquista

## “É APENAS BRINCADEIRA?”: uma análise da naturalização da violência verbal no cotidiano escolar

JAINNE SANTOS PEREIRA<sup>1</sup>

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA/UESB

LÁISA PAIVA FERREIRA<sup>2</sup>

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA /UESB

DULCINÉIA SILVA ADORNI<sup>3</sup>

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA /UESB

### RESUMO

O presente artigo analisa a naturalização da violência verbal no cotidiano escolar, com o objetivo de compreender como esse tipo de agressão é percebido e enfrentado por alunos e professores. Utilizando uma abordagem de caráter quanti-qualitativo, a pesquisa foi realizada por meio de dois questionários, sendo um destinado aos estudantes do 4º ano do Ensino Fundamental e outro ao professor titular da turma, em uma escola pública localizada no interior do estado da Bahia. Os resultados indicam a recorrência da violência verbal nas interações escolares e revelam que tanto os alunos quanto o professor reconhecem esse tipo de violência, que muitas vezes é disfarçada de brincadeiras, contribuindo para sua naturalização e banalização. Dessa forma, destaca-se a necessidade de a escola adotar uma postura ativa na desconstrução de discursos agressivos, promovendo uma cultura de respeito, empatia e valorização do outro no ambiente educacional, bem como estratégias de convivência pautadas nos direitos humanos.

**Palavras-chaves:** Brincadeiras. Escola. Violência verbal.

### Introdução

A escola se constitui como espaço de formação integral do sujeito e deve promover um ambiente seguro e respeitoso para todos os membros da comunidade escolar. No entanto práticas cotidianas de violência, principalmente verbal, muitas vezes disfarçadas de brincadeiras, acabam passando despercebidas ou sendo naturalizadas.

Esse tipo de violência não se limita a agressões explícitas; ela manifesta-se também em atitudes sutis, que, quando constantes e impunes, contribuem para a construção de um clima escolar desfavorável, afetando o bem-estar e o rendimento dos estudantes.

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Email: [jainepereira2010@gmail.com](mailto:jainepereira2010@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Email: [laisapaiva002@gmail.com](mailto:laisapaiva002@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora Adjunta do Departamento de Ciências Exatas e Naturais (DCEN) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus Itapetinga. Responsável pelo componente curricular Escola, Violência e Direitos Humanos (PL2025.1). Membro dos grupos de Pesquisa CEPEP e LIPEC (UESB) e Diverso (UNEB). Email: [dsadorni@gmail.com](mailto:dsadorni@gmail.com)



# III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,  
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP  
Colegiado de Pedagogia  
Vitória da Conquista

Este estudo propõe uma reflexão sobre a naturalização da violência verbal nas interações entre estudantes na Educação Básica, evidenciando práticas de desrespeito, exclusão e desvalorização do outro. Nesse cenário, torna-se essencial analisar os limites entre brincadeira e agressão, bem como o papel da escola na prevenção e no enfrentamento dessas condutas.

A pesquisa tem como objetivo compreender os mecanismos que favorecem a banalização da violência verbal no ambiente escolar e discutir estratégias educativas que promovam o respeito, a empatia e a construção de uma cultura de paz.

O artigo está organizado em cinco seções. Após esta introdução, apresenta-se a fundamentação teórica; em seguida, a metodologia adotada; a análise e discussão dos resultados; e, por fim, as considerações finais, com sugestões pedagógicas para o enfrentamento da violência verbal na escola. Em termos éticos, o estudo, realizado no âmbito do componente curricular Escola, Violência e Direitos Humanos, foi autorizado pelo colegiado do curso de Pedagogia e pela direção da escola, garantindo o anonimato dos participantes conforme os princípios da ética em pesquisa com seres humanos.

## **Violência verbal na escola: entre discursos, práticas e silenciamentos**

A violência no ambiente escolar é um fenômeno que não se resume a conflitos interpessoais isolados; ela reflete também aspectos culturais, sociais e estruturais que atravessam a dinâmica da comunidade escolar. Trata-se, portanto, de um fenômeno complexo, cuja compreensão exige uma abordagem que vá além do comportamento individual de alunos e docentes.

Charlot (2002) afirma que a violência pode ser expressa por um ato, palavra, situação ou ação – intencional ou não – em que o ser humano é tratado como objeto, ou seja, sendo-lhe negados os direitos, a dignidade e o reconhecimento enquanto sujeito insubstituível. Sob essa ótica, a violência se opõe à educação, cujo papel é justamente o de promover a constituição do sujeito como membro ativo da sociedade.

Entre as diversas formas de manifestação da violência escolar, destaca-se a violência simbólica, conceito desenvolvido por Bourdieu (1998), que se refere a formas de dominação que se exercem de maneira sutil, invisível e consentida, geralmente por meio da linguagem, dos gestos, do tom de voz e de outras práticas discursivas. Trata-se de uma violência que não se impõe pela força física, mas por meio da naturalização de assimetrias e desigualdades nas



# III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,  
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP  
Colegiado de Pedagogia  
Vitória da Conquista

relações sociais. No contexto escolar, manifesta-se quando ofensas, apelidos, piadas ou ironias são reproduzidos de forma recorrente, legitimando práticas discriminatórias e reforçando relações de poder desiguais entre os sujeitos.

A violência verbal nas escolas é uma forma de agressão simbólica que se manifesta frequentemente de modo sutil, travestida de brincadeiras ou piadas, mas tem efeitos concretos sobre o bem-estar psicológico dos sujeitos envolvidos. Como destacam Reis e Adorni (2024) essa forma de violência costuma ser banalizada, silenciada ou relativizada por professores, alunos e até mesmo pela gestão escolar, o que contribui para sua perpetuação no cotidiano educativo.

Segundo Camacho (2001), as interações entre pares nas escolas são atravessadas por micro violências que se instauram nas relações cotidianas, nem sempre visíveis ou reconhecidas como agressivas. Essas sutilezas, quanto não enfrentadas, se consolidam como experiências formadoras negativas, que impactam diretamente a constituição subjetiva dos estudantes.

Na mesma direção, Aquino (1998), argumenta que a violência escolar não deve ser compreendida apenas como reflexo de fatores externos – sociais ou familiares – mas como algo produzido também no interior da própria escola, que pode reproduzir ou gerar práticas de exclusão e dominação simbólica. O autor ressalta a crise de autoridade docente diante da dificuldade de lidar com conflitos verbais, o que acaba naturalizando relações assimétricas de poder.

Gonçalves (2012) acrescenta que a violência no contexto escolar também revela uma crise ética mais ampla, refletida na fragilidade das instituições contemporâneas em promover os direitos humanos no cotidiano. A escola, que deveria ser um espaço privilegiado de formação cidadã, passa a ser um cenário de disputas, silenciamentos e resistências, em que os discursos agressivos muitas vezes ganham legitimidade por meio da repetição.

Assim, é fundamental compreender que a violência verbal não se resume a ofensas pontuais, mas se insere em uma dinâmica institucional e cultural mais ampla, que desqualifica, humilha e invisibiliza sujeitos. Como afirmam Charlot (2002) e Camacho (2001), trata-se de uma violência que opera na linguagem e na repetição, naturalizando-se de tal forma que muitas vezes não é percebida como tal pelos próprios envolvidos.

Diante disso, cabe à escola reconhecer as formas simbólicas de violência e atuar intencionalmente para romper com a lógica da banalização e do silêncio. É fundamental investir na escuta ativa, na valorização da diversidade e no desenvolvimento de práticas



# III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,  
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP  
Colegiado de Pedagogia  
Vitória da Conquista

pedagógicas baseadas no respeito, na empatia e nos princípios dos direitos humanos.

## **Percurso metodológico da pesquisa**

Este estudo adota uma abordagem quanti-qualitativa, por articular procedimentos quantitativos e qualitativos no processo de investigação. Os dados quantitativos foram obtidos por meio de questões fechadas dos questionários aplicados, permitindo a construção de gráficos e a análise de frequência das manifestações de violência verbal. Já os dados qualitativos, oriundos das respostas abertas, permitiram uma compreensão mais profunda das percepções dos sujeitos envolvidos. Conforme Minayo (1994), a articulação entre métodos qualitativos e quantitativos enriquece a análise dos fenômenos sociais, ao combinar a objetividade dos números com a subjetividade dos significados atribuídos pelos participantes.

A investigação foi desenvolvida como parte das atividades do componente curricular “Escola, Violência e Direitos Humanos”, ofertado aos estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* de Itapetinga.

Foram utilizados dois instrumentos de coleta de dados: um questionário voltado para os alunos do 4º ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública localizada em um distrito do município de Itapetinga-BA, e outro direcionado ao professor titular da turma. Os questionários compostos por perguntas abertas e fechadas – abordaram as diferentes formas de violência percebidas no ambiente escolar, com ênfase na identificação de situações reais vivenciadas e/ou observadas pelos participantes. O instrumento aplicado ao professor teve o objetivo de investigar sua percepção sobre o fenômeno, as estratégias adotadas para abordá-lo e os principais desafios enfrentados no cotidiano pedagógico.

Embora os questionários tenham abordado diferentes formas de violência presentes no ambiente escolar, este artigo foca especificamente na violência verbal. A escolha desse recorte se justifica pela incidência expressiva dessa forma de agressão nas respostas dos participantes, bem como pela sua recorrente naturalização no cotidiano escolar, frequentemente disfarçada sobre o rótulo de “brincadeira”. Antes da aplicação dos instrumentos, o professor foi informado sobre os procedimentos da pesquisa. Em seguida, os estudantes receberam orientações claras sobre a atividade, seus propósitos e sua forma de participação. Foram assegurados o sigilo e o anonimato dos participantes, em conformidade com os princípios éticos que regem a pesquisa em educação.



# III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,  
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025

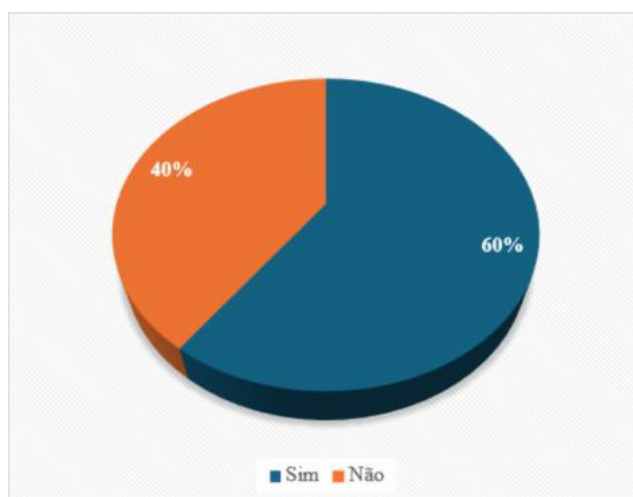


CCP  
Colegiado de Pedagogia  
Vitória da Conquista

## Brincadeira ou violência? A percepção dos sujeitos escolares sobre agressões verbais

A análise dos resultados obtidos junto aos estudantes evidencia um panorama preocupante sobre a presença da violência no contexto escolar. As respostas revelam que 60% dos participantes já vivenciaram ou presenciaram algum tipo de agressão nas dependências da escola, o que demonstra a frequência com que tais episódios ocorrem no cotidiano educacional e a urgência de enfrentá-los com seriedade.

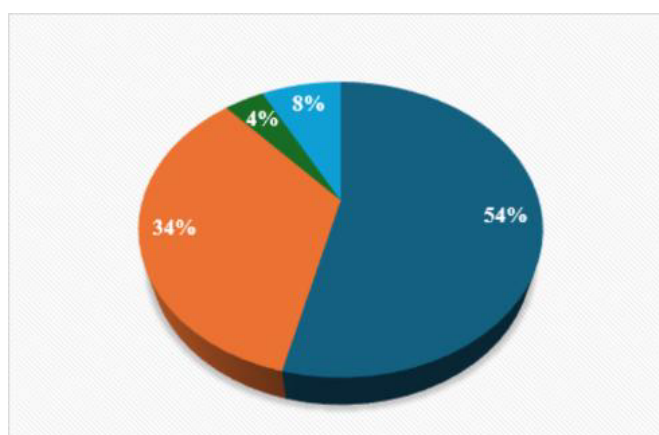
Figura 1- Incidência de manifestação de violência na escola



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Entre as formas de violência mencionadas – verbal, física, psicológica e virtual – a violência verbal foi a mais recorrente. Cerca de 56% dos alunos relataram ter vivenciado ou presenciado agressões verbais, como xingamentos, insultos e provocações. A violência física foi mencionada por 36% dos participantes, enquanto a psicológica apareceu em 4% das respostas. Outros 8% indicaram formas de violência não especificadas.

Figura 2 – Tipos de violência percebidos pelos estudantes





# III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,  
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



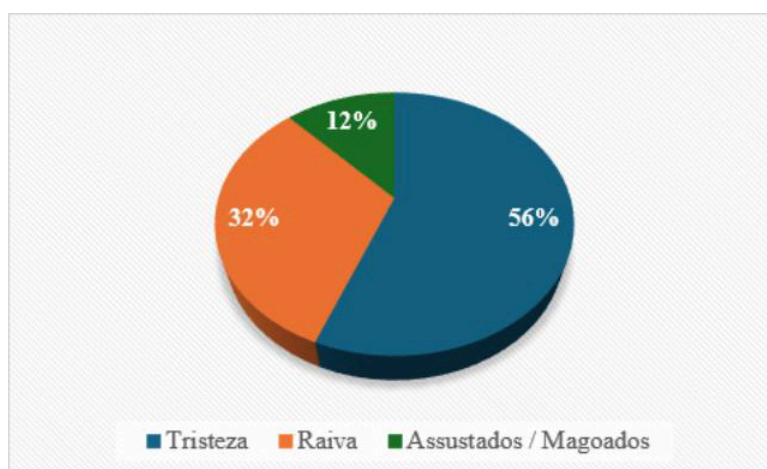
CCP  
Colegiado de Pedagogia  
Vitória da Conquista

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Esses resultados evidenciam as formas sutis de dominação, revelando que a linguagem atua como instrumento de controle (BOURDIEU, 1998), uma vez que a maioria dos estudantes relatou ter sofrido violência verbal, evidenciando sua frequência e normalização no contexto escolar.

Os efeitos emocionais relatados pelos alunos e apresentados na Figura 3, reforçam a gravidade das situações descritas. Para 56% dos estudantes, os episódios de violência escolar despertaram sentimentos de tristeza; 32% relataram sentir raiva; e 12% afirmaram terem se sentido assustados ou magoados.

Figura 3 - Sentimentos provocados pelas situações de violência escolar



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Esses dados evidenciam que, mesmo quando minimizadas ou disfarçadas como brincadeiras, tais agressões geram impactos significativos no bem-estar emocional dos envolvidos.

No que diz respeito às medidas adotadas pela escola diante das ocorrências, as respostas revelam diferentes concepções. Para 24% dos alunos nenhuma atitude foi tomada; 24% afirmaram que a escola recorreu à diretora ou outro adulto responsável; 16% mencionaram que houve apenas uma reclamação formal; e 36% relataram que os responsáveis pelos envolvidos foram chamados para conversar.



# III SEMPED

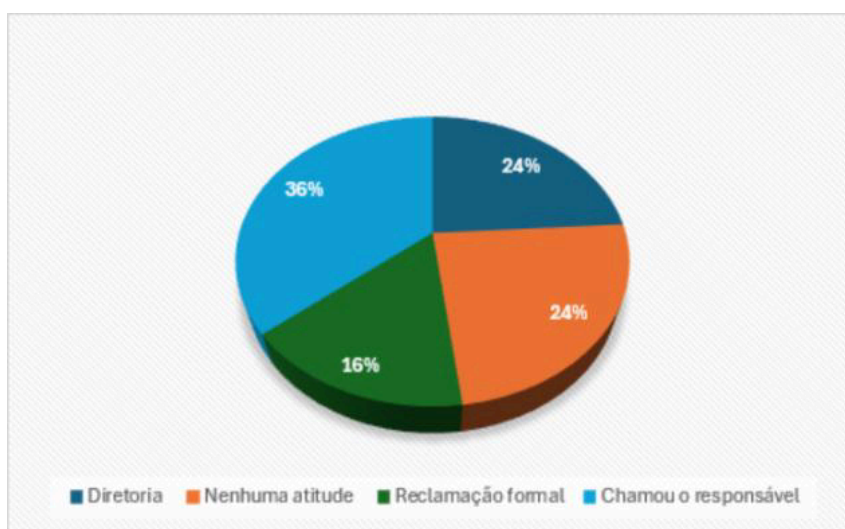
FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,  
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP  
Colegiado de Pedagogia  
Vitória da Conquista

Figura 4 – Medidas adotadas pela escola, segundo os alunos



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Os dados na Figura 4 apontam não apenas para uma atuação fragmentada da gestão escolar, mas também para a percepção de que nem sempre há ações educativas ou eficazes consistentes.

Quando questionados sobre formas de melhorar o clima escolar, os alunos apresentaram sugestões significativas: “não ter brigas entre os colegas”, “mais trabalhos em grupo”, “empatia com o outro”, “conversar com os colegas”. Essas respostas revelam que os próprios estudantes reconhecem o valor das relações interpessoais e se mostram dispostos a contribuir para a construção de um ambiente mais respeitoso e acolhedor.

Além disso, 96% dos participantes afirmaram saber a quem recorrer em caso de situações de violência, o que indica que existem, ao menos formalmente, canais institucionais reconhecidos pelos estudantes. No entanto, é fundamental assegurar que esses canais estejam de fato preparados para acolher e encaminhar as demandas, de modo que os alunos se sintam seguros e encorajados a denunciar agressões.



# III SEMPED

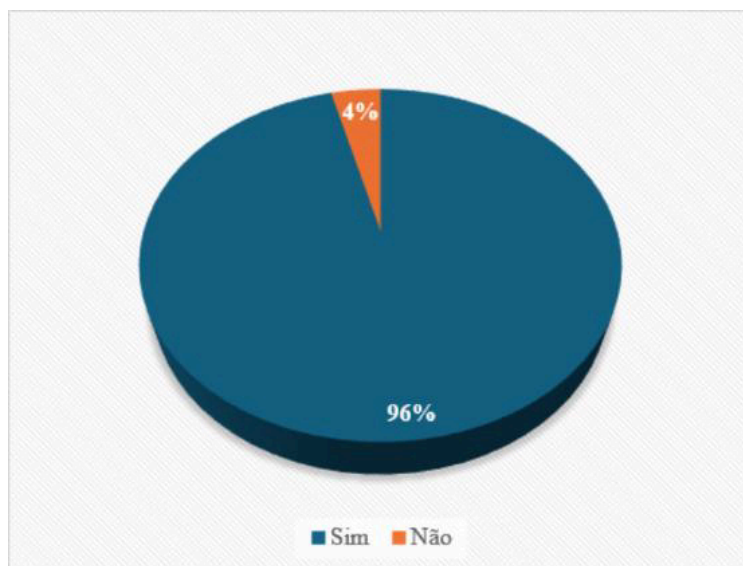
FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,  
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP  
Colegiado de Pedagogia  
Vitória da Conquista

Figura 5 – Conhecimento dos estudantes sobre canis de denúncia na escola



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Por outro lado, a percepção do professor entrevistado apresentou discrepâncias em relação à resposta dos estudantes. Segundo ele, situações de violência são raras na escola e há um protocolo institucional para lidar com essas ocorrências. O docente também afirmou já ter participado de formações sobre convivência escolar e direitos humanos, o que indica certo preparo para o enfrentamento do fenômeno. Contudo, dados dos estudantes revelam que 24% deles acreditam que a escola não adota nenhuma ação diante dos casos – o que aponta para uma desconexão entre a existência formal de protocolos e sua efetiva aplicação no cotidiano.

As informações analisadas revelam não apenas a frequência de manifestações de violência, principalmente verbal, no contexto escolar, mas também a necessidade de ações educativas mais eficazes. Cabe à escola promover espaços de escuta, desenvolver estratégias de prevenção e fortalecer uma cultura institucional baseada no respeito, na empatia e na valorização das diferenças. É essencial compreender que práticas violentas, mesmo quanto disfarçadas de brincadeiras, não podem ser naturalizadas – somente a partir de seu enfrentamento consciente será possível transformar a cultura escolar.



# III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,  
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP  
Colegiado de Pedagogia  
Vitória da Conquista

## Considerações finais

A presente pesquisa evidenciou que a violência verbal no ambiente escolar, frequentemente disfarçada de brincadeiras, constitui uma prática recorrente e naturalizada entre os estudantes. Ainda que silenciosa e muitas vezes invisibilizada, produz impactos significativos no bem-estar emocional dos alunos e compromete a qualidade das relações interpessoais, afetando o clima escolar como um todo.

Os resultados obtidos reforçam a urgência de reconhecer a violência verbal como um problema sério, que demanda atenção e respostas efetivas por parte da escola. A falta de preparo dos professores para conduzir essas situações, aliada à ausência de intervenções consistentes, contribui para a manutenção de um ambiente marcado pelo desrespeito e pela desvalorização do outro.

Diante desse cenário, é imprescindível que a escola assuma uma postura ativa na construção de uma cultura de paz, por meio da promoção de diálogo, respeito e acolhimento. A formação continuada dos profissionais da educação, o engajamento da gestão escolar e a participação dos próprios estudantes constituem pilares essenciais para transformar a convivência escolar.

Mais do que adotar medidas punitivas, é preciso fomentar práticas pedagógicas que estimulem a empatia, o cuidado mútuo e a resolução pacífica de conflitos. Apenas com a desconstrução da naturalização da violência verbal será possível ressignificar a escola como um espaço seguro, inclusivo e propício ao desenvolvimento pleno de todos os envolvidos no processo educativo.

Nesse sentido, sugere-se que futuras pesquisas se articulem em investigar os protocolos institucionais existentes para lidar com a violência verbal no ambiente escolar, bem como os processos de formação docente relacionados aos direitos humanos. Compreender como esses conteúdos são abordados ou negligenciados na formação continuada dos professores pode fornecer ferramentas importantes para o desenvolvimento de estratégias para o enfrentamento da violência. Além disso, é fundamental analisar se as práticas pedagógicas adotadas refletem



# III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,  
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP  
Colegiado de Pedagogia  
Vitória da Conquista

o compromisso da escola em estimular uma convivência pautada no respeito e na integridade de todos.

## REFERÊNCIAS

ÂMBITO JURÍDICO. Violência verbal: exemplos, consequências e como se proteger.

**Âmbito Jurídico**, São Paulo, [s.d.]. Disponível em: [Violência verbal: exemplos, consequências e como se proteger](#). Acesso em: 2 jun. 2025.

AQUINO, Júlio Groppa. A violência escolar e a crise da autoridade docente. In: AQUINO, Júlio Groppa (org.). **Violência nas escolas: abordagens teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998, p. 77-100.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 123–140, jan./jun. 2001. Disponível em: [SciELO Brasil - As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes](#). Acesso em: 10 jun. 2025.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 4, n. 8, jul./dez. 2002, p. 4332-443.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. Juventude, política e religião: um pretexto para discutir ética, violência e direitos humanos na sociedade contemporânea. In: JACO-VILELA, A.M.; SATO, L. (orgs). **Diálogos em Psicologia Social**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012, cap. 7, p. 103-122.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

REIS, Michel dos Santos; ADORNI, Dulcinéia da Silva. Bullying escolar: práticas de agressão, assédio e intimidação na interface com educação, direitos humanos e saúde pública. **Anais do IX Seminário Nacional. V Seminário Internacional Políticas Públicas, Gestão e Práxis Educacional**. Vitória da Conquista, BA, maio, 2024, v. 9, n.25, p.6029-6040.